JORNAL D'OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURAS

Em Ovar, semestre . . . . . 500 réis
Com estampilha . . . . . 600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio
avulso . . . . . 20 »

DIRECTOR E PROPRIETARIO
AUGUSTO DA COSTA E PINHO
Redacção e administração — LARGO DA PRAÇA — Ovar
Impressão e composição — TYPOGRAPHIA PENINSULAR
Rua de S. Chrispim, 18 a 28—PORTO

PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal. . . . . 60 rs. cada linha
Annuncios e communicados. . . 50 » »
Repetições . . . . . 25 » »
Annuncios permanentes, contracto especial
25 p. c. de abatimento aos snrs. assignantes

A EGREJA E O ESTADO

I

Não concordamos em que entre a egreja e o estado não haja outra ligação além de estar o catholicismo aceito e reconhecido como a religião nacional.

O estado nomeia os bispos e os parochos: estabelece-lhes rendas, torna-as obrigatorias: ás mitras junta os arminhos do pariato: dá aos bispos uma entidade politica do mais alto valôr: aos parochos fal-os presidentes das juntas de parochia, etc. D'este modo intervem na parte administrativa da egreja e com esta se liga tanto, que ella entra na constituição de um dos seus poderes.

E' a camara dos pares da livre escolha do rei, e o bispo o unico membro que não precisa d'essa escolha; é a Carta, é a Constituição que o faz par do reino.

II

Não obstante isso, o bispo pode recusar a collação aos parochos, e o pontifice a confirmação aos bispos.

Mas essa recusa não se funda em poder algum que tenha o bispo sobre a nomeação dos parochos, nem o pontifice sobre a nomeação dos bispos, exprime apenas o não reconhecimento das habilitações ou qualidades canonicas dos agraciados.

N'essas nomeações, a egreja cede ao governo emquanto ao acto administrativo, e o governo cede á egreja emquanto ao espiritual.

Essa faculdade de nomear os parochos nunca pertenceu exclusivamente á auctoridade ecclesiastica, mas até a individuos seculares, aos senhores, aos donatarios, aos abbades, aos conventos e ás ordens militares.

Como tambem a nomeação dos bispos não pertencia aos pontifices; era o clero da diocese que os elegia, e muitas vezes o Cabido.

Assim de os parochos estarem espiritualmente subjeitos aos prelados não se segue que estes tenham o direito, a inteira e livre faculdade de os substituir, de suspendel-os quando quizerem, por deliberação voluntaria.

A suspensão *ex-reservata conciencia* suppõe um crime, peccado grave, ou falta canonica que tolhe o exercicio das funções espirituaes, e que o prelado não pode revelar. Esse acto é penal.

Nada tem pois a subordinação espiritual com o acto administrativo da nomeação dos parochos, nem com o direito d'estes a exercerem as suas funcções, as quaes o estado, visto ser elle que os nomeia, deve garantir-lhes quando tenham sido collaços, isto é, reconhecidos como idoneos emquanto ás habilitações canonicas.

Da mesma sorte a confirmação dos bispos pelo pontifice não é o acto administrativo da sua nomeação, o qual pertence ao estado exclusivamente.

Emquanto a conservarem os seus direitos e jurisdicções, bispos e parochos não ficam abandonados ao poder da egreja.

E' claro que o acto administrativo da nomeação abrange o poder de os conservar nos seus cargos, quando devidamente exercidos.

São rasões d'alto interesse social que obrigaram o estado a reservar para si a escolha dos bispos e dos parochos. Todos sabem como se pode abusar das crenças religiosas contra o regimen liberal: muito interessa portanto ao estado escolher os individuos não só para os cargos eminentes da egreja, mas sobretudo para aquelles que se acham em mais contacto com as massas do povo.

Estão dois poderes de diversa indole, um em face do outro; e foi para evitar conflictos, para a harmonia de ambos, que o estado reservou para si o acto administrativo das nomeações dos bispos e dos parochos.

Depois de 1832 ou pelo menos, depois da concordata, como ha-de a auctoridade ecclesiastica por *uma ordem executiva* destituir um parocho collado, ainda mesmo quando lhe sobejem rasões para isso? não pode: porque invalida e offende aquella tão importante e necessaria prerogativa do estado. Se o faz invade o seu poder administrativo.

Para com o estado, e o paro cho em quanto se acha sob a sua garantia, precisa de justificar a necessidade da sua substituição, por meio de um processo regular, e sem duvida, segundo as suas formas actuaes. Essa justificação tira ao acto de prelado o caracter de ordem executiva, de deliberação voluntaria a qual não pode realisar sem violencia ao parocho, e sem invadir a esphera do estado.

E quando haja a necessidade da substituição, se não fôr justificada, quem tira aos parochos o direito de recorrerem? E as violencias que soffrerem sobre o exercicio das suas funções atacam igualmente as prerogativas da corôa.

III

Ainda que hoje esteja bem resolvido entre theologos que os parochos não são da instituição divina, mas procedentes dos bispos, comtudo se a sua independencia não existe canonicamente, existe sem duvida em virtude do padroado real.

Emquanto ao direito de exercer a sua jurisdicção tem o parocho uma independencia que deriva da sua nomeação pela corôa.

Mas não ha lei que obrigue os prelados a um processo regular, nem que indique ou especialise as suas fórmas. Não é preciso que a haja: em presença de um direito que hoje não deriva da egreja, e da actual prerogativa da corôa offendida na pessoa dos parochos, que vale o que ordenam as constituições dos bispados anteriores a 1832?

E qual será o meio legal de atacar esse direito e essa prerogativa senão o de um processo regular—e tal como deve ser um processo n'esta época?

IV

Por outro lado.

Desde que ha uma religião do Estado, desde que os bispos e parochos, e outros ecclesiasticos, gosam de rendas estabelecidas e garantidas, obrigatorias, porque rasão não devem contribuir para as despezas publicas?

Qual é o direito, que os izempta?

(Continuaremos)

Lourenço d'Almeida e Medeiros

SCIENCIAS & LETTRAS

Theorias e apreciações litterarias

XVI

Nada importava ao romantismo portuguez a leve noticia do grande mestre sobre *Estheticas*, mórmente não mostrando se influem ou não no movimento litterario, o qual, como diz o sincero Kant, continúa dispensando as especulações d'esse genero.

Sobre isto levanta-se uma questão que adiante discutiremos.

Difficil é sem duvida penetrar bem no espirito das theorias philosophicas allemãs depois de Kant, que foi quem começou a usar d'uma termologia propria, e obscura, quanto a mim escusada.

Mas ao nosso mestre cumpria fazer nos ver clara e rigorosamente as idéas do grande philosopho e não alteral-as do modo que vimos.

Vamos transcrever algumas passagens da *Critica do Juizo*, que nos livram da suspeita de sermos nós a quem possa caber a mesma censura.

A paginas 51 da Introducção «distingue entre a belleza do mundo externo que a seu ver não passa de formal e puramente subjectiva, e a finalidade real. Nós julgamos a primeira *estheticamente* pelo sentimento do prazer que nos causa, a segunda *logicamente* por meio de conceitos.»

Pag. 65: e 66: «Para decidirmos do que é ou não nos serve o entendimento em vista de obtermos uma noção; mas observamos em nós o prazer ou o desprazer (que deriva da contemplação de um objecto qualquer). O juizo respectivo não é por *consequencia logico.*»

Pag. 85; «Notemos, que a universalidade (dos juizos sobre o bello), que não assenta em conceitos, não é *logica* mas esthetica.» Pag. 86: «Da universalidade subjectiva ou esthetica não se conclue a logica.»

Assim, nem mesmo esse caracter, que attribue ao bello, ou ao juizo do gosto, o faz entrar na esphera da logica.

A harmonia, ou relação sympathica e impressiva entre as nossas faculdades e a natureza, cujas leis não tentamos conhecer, e só queremos contemplal-a livremente e com desinteresse, produz este estado moral, ou modo de sentir, que se chama esthetico—ou impressões puras, subjectivas, que não são conhecimentos ou não encerram uma relação dos objectos contemplados com qualquer fim geral. Mas se indagamos essa relação, se queremos ligar todo o mundo em um systema de fins e causas, então entra-se na esphera da logica, mas cessa a esthetica.

Parece-nos isto simples e comprehensivel.

As passagens, que acima reproduzimos, desmentem o sr. Theophilo completamente.

Insistimos em fazer ver o seu erro grosseiro, que perturba toda a concepção kantiana sobre o bello, porque é em confronto com esta que havemos de frisar as differenças entre as diversas escolas, omittindo comtudo as que lhe são anteriores.

(*Continúa.*)

Lourenço d'Almeida Medeiros.

ARIANISMO (VOLTAIRE)

Todas as grandes controversias theologicas durante mil e duzentos annos foram gregas.

Que diriam Homero, Sophocles, Demosthenes, Archimedes, se tivessem sido testemunhas d'estas argucias, que tanto sangue custaram?

Arius, ainda hoje tem a honra de passar por inventor da sua opinião, como Calvino passa por ser fundador do calvinismo. A vaidade de ser chefe d'uma seita é a segunda de todas as vaidades d'este mundo; porque a dos conquistadores dizem ser a primeira. Todavia nem Calvino, nem Arius, tem certamente a triste gloria da invenção.

Ha longo tempo se questionava sobre a Trindade, quando Arius se envolveu n'esta questão na cidade de Alexandria, onde Euclides não podera serenar os espiritos e tornal-os rasoaveis. Nunca houve povo mais frivolo do que os Alexandrinos, nem mesmo os Parisienses se lhes proximam.

Era preciso que a disputa fosse deveras acerrima sobre a Trindade, pois que o patriarcha autor da chronica d'Alevandre, conservada em Oxford, certifica que dois mil padres sustentavam o partido que Arius abraçou

Transcrevamos aqui o que se disse d'arius em um pequeno livro.

«Eis uma questão incomprehensivel que despertou durante mais de desesseis seculos a curiosidade, a subtileza sophistica, o rancor, o espirito de cabala, o furor de dominar, a raiva de perseguir, o fanatismo cego e sanguinario, a credulidade barbara, e que produziu mais horrores que a ambição dos principes, que produziu muitos.

Jesus é verbo? Se é verbo, é emanado de Deus no tempo, ou antes do tempo? se é emanado de Deus, é coeterno e consubitancial com elle? ou é d'uma substancia parecida? é distincto d'elle? ou náo? foi elle creado? pode elle crear por sua vez? tem elle a paternidade ou a virtude productiva sem paternidade? o Espirito Santo foi feito ou ingendrado, ou produzido, procedendo do pae, ou procedendo do filho, ou procedendo d'ambos? pôde elle crear, pôde produzir? A sua hypostasis é consubstancial com a hypostasis do pai e do filho? e como, tendo precisamente a mesma natureza, a mesma essencia que o pai e o filho, não póde elle fazer o mesmo que estas duas pessoas que são elle mesmo?

«Estas questões, tão superiores á razão, precisavam, sem duvida, de serem decididas por uma igreja infallivel.

«Sophismava-se, disputava-se havia odios e anathemas entre os christãos por alguns d'estes dogmas inacessiveis ao espirito humano, antes d'Arius e d'Atanasio. Os gregos egypcios eram pessoas habeis. cortavem um cabello em quatro; porem d'esta vez só o cortaram em tres. Alexandros, bispo d'Alexandria, lembrou-se de pregar que, sendo Deus necessariamente individual, simples, uma mónada em todo o rigor da palavra, esta mónada era trina.

«O padre Arius escandalisou-se todo com a mónada de Alexandros; e explica este caso d'outro modo; em parte é argucioso como o padre Sabellio, que o tinha sido como o Phrygio Praxeas, argucioso mór. Alexandros reune á pressa um pequeno coucilio composto dos que seguiam a sua opinião, e excumunga o seu contraditor. Eusebio, bispo de Nicomedia, toma o partido d'Arius, e eis toda a igreja em fogo.

«O imperador Constantino era um acelerado, confesso-o, um parricida que asfixiou sua mulher n'um banho, degolou seu filho, assassinou o sogro, o cunhado e sobrinho; um homem inchado de orgulho e devasso, concordo; um tyranno detestavel, assim como seus filhos; mas tinha bom senso. Não se obtem o imperio, não se vence todos os rivaes sem pensar com acerto.

«Quando accesa viu a contenda dos padres, mandou o celebre bispo Ozius com cartas exhortando os dois partidos bellingerantes. «Sois uns grandes loucos, em questionarem cousas que não intendem. E' indigno de vosso ministerio fazer tanto barulho por um assumpto de tão pouco valor.»

«Constantino não se referia á Divindade, mas á maneira incomprehensivel por que se esforçavam em querer explical-a.

O patriarcha arabe auctor da historia da igreja de Alexandria, diz nos Ozius que lhes fallára assim:

Meus irmãos, começa o christianismo a gozar de paz, e vós ides envolvel-o n'uma discordia eterna. Muita razão tem o imperador em vos dizer que andaes em desordem por um objecto insignificante. Certamente, Jesus Christo teria d'elle fallado, se fôra essencial. O que elle não diz expressamente é obra dos homens.

Jesus recommenda-vos que vos ameis, e vós já lhe desobedeceis odiando-vos, e promovendo lutas no imperio. Ninguem pode saber se Jesus foi ou não ingendrado; e que vos importa a sua natureza, comtanto que a vossa seja justa e rasoavel? Que relação tem uma vã sciencia de palavras com a moral que deve regular os vossos actos. Encheis a doutrina de mysterios, vós que apenas devieis consolidar a religião pela vossa virtude. Quereis que a fé christã não seja senão um monte de sophismas? Acabae de disputar; adorae, edificae, humilhae-vos, cuidae dos pobres, apasiguae as questões das familias, em vez de escandalizar todo o imperio com as vossas discordias.»

«Ozius fallava a obstinados. Reuniu-se o concilio de Nicêa, e houve uma guerra civil espiritual no imperio romano. Esta guerra trouxe outras, e de seculo em seculo tem-se perseguido mutuamente até nossos dias.»

(Continua)

C. M.

O FUTURO DE LOURENÇO MARQUES

Sobre esta momentosa questão, tão debatida na imprensa e nos comicios, transcrevemos do nosso presado collega «O Progresso», de Lourenço Marques, o artigo que segue, pondo bem em evidencia a desgraçada administração de Portugal n'aquelle nosso riquissimo territorio da Africa Oriental:

«Os fados hão de cumprir-se.

O desleixo criminoso dos nossos governos, e de quasi todos os seus delegados, deixaram que mãos extranhas escrevessem no livro do destino da Provincia de Moçambique a sua desnacionalisação já agora verificada, e a sua perda total, n'um futuro mais ou menos proximo.

A desnacionalisação é já um facto.

Muitos são os factores que para isso concorrem, e não é facil saber qual seja o mais importante.

Por um lado são os prasos e companhias privilegiadas, verdadeiros feudos, estados dentro do proprio Estado, com a sua historia já negra de crimes de toda a especie; e são por outro muitas das auctoridades superiores, que, sem consciencia da sua missão a cumprir, concorrem extraordinariamente para esse fim.

Como não ha de córar de vergonha e tremer de indignação, o portuguez que se preze de o ser, que entrando n'uma repartição publica, procure pelo chefe, e lhe appareça um inglez ou coisa que o valha, nem sempre bem educado, que o olhe com ar de desprezo provocador, e, quando em portuguez lhe diga o que deseja, elle lhe responde: *oh! mim não comprende portuguez*, julgando extraordinario, que os que lhe pagam e o toleram, ainda lhe fallem a formosissima lingua de Camões?!

Que juizo ficará a fazer das auctoridades superiores que tal permitem?

Depois de tudo isto, vem ainda mais, a já celebre Convenção, com a sua commissão mixta, emigração indigena, relações alfandegarias, etc.

A commissão mixta, precipitará sem duvida nenhuma, a perda total da nossa soberania; e o regimen das poderosas companhias acabará com ella.

Não será a commissão mixta, o factor mais importante para a perda do nosso dominio na Provincia de Moçambique; mais, e muito mais concorrerá para isso o regimen das companhias magestaticas em geral, e muito principalmente o *engajamento* indigena para as minas, entregue como está em mãos de assalariados estrangeiros, que por toda a parte hão de minar a nossa já parca autonomia e semear entre os pretos o nosso completo descredito.

Reserva nos o futuro dias bem tristes!

Antecipemo-nos e vamos assistir a uma sessão da commissão.

Que lingua se fallará ali?

E' racional que seja a portugueza, porque estamos em nossa casa, e ha de presidir a ella um portuguez; mas tal não succederá, porque a Convenção é muda sobre esse assumpto; e os inglezes ciosos da supremacia da sua lingua e ignorantes da nossa, hão de impôr o seu grotesco idioma.

Uma vez ali, o que se verá? D'um lado dois estrangeiros, altivos, orgulhosos da sua raça, e fallando a sua lingua, aguilhoados pela realisação do seu sonho doirado, e pensando: estamos proximos do nosso fim; do outro lado dois portuguezes, julgando se muito menos do que valem. Principia a sessão.

Trata-se um assumpto importante, mais ou menos favoravel ao Transwaal, os seus delegados defendem-no com calor, n'um inglez muito correcto que os portuguezes mal percebem, mas vão approvando com inclinações de cabeça e com o invariavel *yes, yes*.

Por fim, os inglezes, caturras até ao extremo, imporão todas as suas vontades.

Não tenhamos illusões! O que nos resta perder é bem pouco; e esse pouco brevemente será rapinado pelas aves aduncas, que possuem hoje a maior parte do imperio enorme que foi nosso patrimonio e a nossa maior gloria.

A commissão mixta á mercê o sabor dos estrangeiros; a emigração entregue na mão dos estrangeiros, com todos os poderes e mais ampliados, quando elles assim o entenderem; o regimen dos prazos já senhor da maior parte da provincia de Moçambique e da mais rica; tudo, tudo d'elles; porque mandando no Caminho de Ferro, no porto; tendo nas companhias já verdadeiros Estados, para nada faltar dispõem dos braços indigenas de Moçambique a seu bel-talante.

Oh! como nós podiamos impôrnos aos senhores inglezes, se lhe soubessemos fazer vêr que os *trunfos* que temos na mão valem bem mais que o seu oiro!

E nem ao menos, em troca do que elles tanto precisam—a mão d'obra — conseguimos manter os interesses que já tinhamos, perdendo ainda, quando podiamos ganhar. Que pessimos jogadores

Que indifferença a nossa que nem ao menos olhamos para as companhias, que investidas d'um poder absoluto, praticam toda a casta de crimes, desde o roubo ao assassinato, sem que haja quem lhe dê o premio que merecem,—porque são estrangeiros, e elles tudo podem.

E' triste; mas por mais que isso nos custe a realidade em breve dirá ao mundo:—Portugal perdeu Moçambique!»

(Da *Crença Liberal*)

NOTICIARIO

PREVISÃO DE TEMPO

Hoje, domingo haverá depressões na Irlanda e no mediterraneo superior, as quaes produzirão alguma chuva e trovoada na região cantabrica e no nordeste de Hespanha, com ventos de entre S O, o N O.

De 9 a 10, dominará o bom tempo nas nossas regiões.

De 11 a 12 a borrasca que passará pelo arquipelago inglez e mar do Norte, e o minimo que se formará no golfo de Leão, occasionará alguma chuva e trovoada no nordeste e norte da Peninsula, com ventos do 3.º ao 4.º quadrante.

De 13 a 14 actuará no golfo de Genova um minimo barometrico e outro centro de baixas pressões se approximará do N. O. da Peninsula.

Estes elementos de perturbação aerea produzirão algumas chuvas e trovoadas no noroeste, norte e nordeste de Hespanha, com ventos de entre S. O. e N. O.

No domingo 15, afastar-se-ão de Hespanha as depressões referidas e será mais tranquillo o estado atmospherico geral.

PESCA

Melhorou *um poucochinho* o producto da pesca na costa do Furadouro.

FESTA ESCOLAR

No passado domingo, realisou a Commissão de Benificencia escolar a sua festa annual da distribuição dos premios.

A'e onze horas da manhã foi aberta a sessão solemne sob a presidencia do Snr. Dr. Chaves, servindo de secretarios a Snr.ª D. Gracinda Augusta Marques dos Santos, professora da escola Conde de Ferreira, e o Snr. Dr. Alberto d'Oliveira e Cunha, abbade d'esta freguezia.

A sessão abriu com o hymno das escolas, cantado pelas creanças.

Em seguida o Presidente, usando da palavra, expoz o fim da reunião, fazendo sobresahir os grandes beneficios resultantes da instrucção, e pedindo a todos, que continuem a auxiliar, com a sua esmola, tão util e necessaria obra.

Fallou depois o Snr. Dr. Sobreira, que poz em destaque os grandes serviços prestados pela commissão da freguezia de Ovar e designadamente pelo seu Presidente.

Houve recitação de poesias por algumas creanças, distribuindo-se logo os quatro premios creados, os quaes foram entregues pelos snrs. Francisco Villar e Julio Vinagre, a quem as creanças pobres muito devem, pelas quantias, relativamente importantes, que elles conseguiram no Brazil para a Beneficencia escolar.

O snr. Presidente, agradecendo a comparencia dos convidados, encerrou a sessão.

GAZETILHA

Andam por 'hi a dizêr
(será verdade ou chalaça?)
que um *jornaleco thalassa*
vae haver cá na *parvonia*
Seja assim! mas é preciso
que haja mais outro *papel*:
—Venha de lá, Dom Miguel,
pode entrar sem ceremonia...

Ficarão, assim, ao todo
em Ovar sete p'riodicos
que apezar dos preços modicos
fazem mal aos *cabedaes*...
Póde ser até que alguem
farto de letras e tretas
lhes chame. em vez de gazetas,
sete peccados mortaes...

E em tal caso esses peccados
são assim reprezentados:

O «Ovarense» é a *soberba*
e a «Discussão» a *avareza*
—Os collegas com certêza
pode ser que não concordem...
Tenham, porem, paciencia
que a ordem da antiguidade
dá-lhes essa qualidade
e estas coisas vão por ordem.

Pertence ao «Jornal d'Ovar»
o peccado da *luxuria*...
(Já estamos a vêr em furia
contra nós o padré Mattos!
Emfim .. é nosso o peccado
e o remedio é ir peccando
até que um dia, chorando,
Cupido nos chame ingratos...

A «Patria» pertence a *ira*
e a *gula* á «Perola»:—eis tudo
A *inveja* tral-a o *canudo*,
esse *thalassa* famoso!
Basta ter a protecção
Do *J ão Franco*, que actualmente
vive feliz e contente
Lá na Povoa do Lanhoso.

Ao jornal do Dom Miguel,
quando vier para a liça,
fica ligada a *preguiça*,
que o trabalhar não tem graça
. . . . . .
. . . . . .
E' bôa! d'estes peccados
segundo a ordem da egreja,
logo calhou o da *inveja*
ao jornaléco *thalassa*!!

Subtil.

FOLHETIM

O PECCININO

OU

O Bandido Nobre

POR

GEORGE SAND

Sou um justiceiro voluntario, como era meu pai, e se não opero como elle, se, conformando-me com a epocha em que vivemos, uso mais vezes da minha habilidade que da minha coragem, não deixo de ser elevado e independente: Mais util, e mais pesquizador que um notario, um advogado, ou medico, vendo os meus serviços por alto preço, e se os concedo gratuitamente conformequem m'os reclama, não é por que tenha amor algum á minha arte ou respeite a minha propria intelligencia. Nunca perderei tempo, e trabalho, ainda que assalariado, sem ter a certeza de salvar os interesses de meus clientes; e, assim como um advogado de nome não acceita uma causa que reputa perdida, assim como o general não arrisca os seus subordinados a uma acção inutil, e o medico pàra as suas visitas ao enfermo que não póde salvar, assim eu, meu padre, declino as vossas propostas, porque não satisfazem a minha consciencia.

—Não precisavas de me dizer tanto, responde o frade sempre manso. Sei quem és, e crer-me-ia aviltado, reclamando o auxilio d'um homem que eu não estimasse.

—Visto isso, atalha o Peccinino cada vez mais commovido, porque me negaes a vossa confiança? Porque só me contaes uma parte da verdade?

—Queres que te diga onde está escondido o testamento do cardial?

Ignoro-o, e nem pensado tenho em sabel-o.

—E' impossivel.

—Juro-te perante Deus, meu filho, que tudo quanto sei é que está fóra do alcance do Ninfo, por emquanto, e que não poderá lançar-lhe a mão em vida do cardial, se este não quizer.

—E quem vos afirma que este prelado lho não tenha já confiado?

—A princeza Agatha não tem a menor duvida sobre isso; ella disse-m'o, e é quanto basta.

—E se para mim não fôr o bastante? Se eu não tiver confiança na providencia e habilidade d'essa senhora? Têm as mulheres o menor conhecimento d'este genero de fraudes? Têm ellas artes para o que não seja advinhar e illudir aquelles por quem se fazem amar?

Estás muito conhecedor d'essa particularidade, eu continuo ignorante como era; em summa amigo, se queres saber outras pormenores, procura a princeza, attender-te-ha. E' provavel que eu possa apresentar-te a ella esta noite mesmo.

—Na noite d'hoje? E poderei eu fallar-lhe sem testemunhas?

—Sem duvida, se o julgares conveniente ao bom exito dos nossos designios.

O Peccinino voltou-se para Miguel e fixou-o sem proferir palavra.

O joven artista não póde suportar este exame sem se perturbar notavelmente. O modo como o aventureiro fallava d'Agatha despertou-lhe uma profunda irritação, e para não manifestar o seu alvoroço, acceitou o cigarro que o bandido lhe offereceu com um ar evidentemente ironico, e como que protector. Porque o Peccinino d'esta vez decidiu-se a pôr-se de pé resolvido a partir. Começou a desatar a cinta, sacudindo ao mesmo tempo as pernas como faz o cão de caça quando accorda e se prepara para correr.

Passou a um outro compartimento, onde teve pouca demora, e voltou com um traje mais cuidado e decente. Cobriam-lhe as pernas umas compridas polainas de lã branca felpuda, como as dos montanhezes italianos. Mas os botões eram todos de bom ouro. Trazia um sobretudo de veludo verde bordado a ouro, e por baixo d'este um casaco mais curto, elegante, de moiré lilaz com bordaduras prateadas. Cingia-lhe a franzina cintura uma pelle branca, que em lugar de fivella, tinha um colchete de cornelina antiga ricamente engastada.

Não se lhe viam armas, mas não é admissivel a suspeita de não estar prevenido com os milhores meios de defeza pessoal. Por fim substituiu o seu copote de fantasia por um classico de lã preta do direito, e branca do avesso e cobriu a cabeça com um capuz ponteagudo, que dá uns ares de frade, ou de espectro a todas estas mysteriosas figuras que frequentam os caminhos da montanha.

—Vamos lá, diz elle, vendo-se a um grande espelho pendente da parede, posso apresentar-me diante d'uma senhora sem causar-lhe medo. Que vos parece, Miguel Angelo Lavoratori?

E sem querer saber que effeito este tom de farruidade produzira em Miguel, pôz-se a fechar a casa, com extrema precaução, e acabado isto, deu, com alegria, o braço ao filho de Pedro Angelo, e pôz-se a andar tão depressa, que os seus dois companheiros não o alcançavam sem custo.

Quando desceram o pico de Nicolosi, Frei-Angelo, parando na bifurcação do caminho, despediu-se d'elles, para voltar ao convento, e lhes aconselhou a não perderem tempo em acompanhal-o.

«A licença que me foi concedida expira dentro de meia hora, disse-lhes; talvez brevemente tenha de solicitar outra, e por isso não devo abusar d'esta. Por aqui vai se ter directamente á quinta de Palmarosa, sem passar por Bello Passo. Não preciso de comparecer para serdes introduzidos junto da princeza—ella já vos espera, esta prevenida. Toma, Miguel, a chave do parque e a do pequeno jardim contiguo ao casino. Conheces a escada talhada na rocha, pois ao chegares ao ultimo degrau, has-de tocar duas vezes á campainha, esperas um pouco, tocas mais tres vezes, e apoz um outro pequeno intervallo, darás mais uma pancada.

Até lá vêde se não vos percebem, e se não sois seguidos.

Para a entrada vos ser facultada direis estas palavras á camarista que vos aparecer: Santa *Virgem do Bello Passo*. Não largues estas chaves, Miguel. A princeza mandou ha poucos dias mudar todas as fechaduras, e as novas são tão complicadas, que a não ser corrompido o operario que as fez, será d'óra avante impossivel ao Ninfo introduzir-se na quinta com chaves falsas...

«Mais uma palavra, meus filhos: Se algum acontecimento imprevisto tornar urgente a minha presença durante a noite, o Peccinino conhece a minha cella, e o meio de penetrar no mosteiro.»

—Conheço-o muito bem! diz o bandido quando já afastados do capucho; fugi muitas vezes de noite, e muitas vezes entrei ao alvorecer, para aprender a transpôr os muros do convento do Mau Passo.